

Vestígios de Dostoiévski na correspondência de Nietzsche

Antonio Edmilson Paschoal¹

Esta coletânea de passagens extraídas das cartas de Nietzsche tem por objetivo evidenciar o interesse do filósofo por Dostoiévski e também oportunizar o esclarecimento de certas perguntas recorrentes quando se coloca em foco a relação entre ambos, por exemplo, sobre o início do contato do filósofo com a obra do romancista e pelas obras de Dostoiévski efetivamente lidas por Nietzsche. Ao certo, a resposta a tais questões e a qualquer outra sobre o modo como o escritor russo é apreendido e interpretado pelo filósofo e sobre a influência que exerce no pensamento de Nietzsche, deve considerar as menções que ele faz ao romancista em suas obras publicadas, como é o caso de *O Anticristo* (AC 29ss), *O crepúsculo dos ídolos* (CI, O problema de Sócrates, 7) e d' *O Caso Wagner* (CW 5) e também as menções diretas e indiretas ao escritor russo constantes em suas anotações pessoais, como é o caso da KSA 13, p. 144, em que se refere à “fórmula clássica de Kirilov com Dostoiévski” e também da KSA 13, p. 409, em que opõe à ideia de um Jesus formulada a partir da ideia de gênio e de herói, de Renan, aquela concepção do redentor que tem no horizonte a concepção de “idiota”, de Dostoiévski.

Tomando a questão do contato de Nietzsche com Dostoiévski, que ao certo diz respeito às suas primeiras cartas com menção ao escritor, cabe observar alguns antecedentes desse contato que dizem respeito à literatura russa em geral e possivelmente e de forma indireta, a Dostoiévski. As primeiras indicações desse contato indireto é do verão de 1880, quando Nietzsche utiliza pela primeira vez o conceito “niilismo [ou niilista] russo” (KSA 9, p. 127), no caso, em associação à ideia de um “*criminoso* contra a moralidade” (KSA 9, p. 128), tendo claro que tal menção à literatura russa não diz respeito a Dostoiévski, mas a Ivan Turguéniev e certamente ao seu livro *Pais e filhos*. Tal correlação entre o niilismo russo e Turguéniev é reforçada ainda em Nietzsche, como é amplamente conhecido, por meio da leitura do livro de Paul Bourget, *Essais de psychologie contemporaine*,² certamente após o seu lançamento em 1883.³ Nesse livro e especialmente no capítulo dedicado a Turguéniev (p. 349-384), Bourget apresenta o escritor russo como um realista (p. 358) e seu personagem Bazarov justamente sob

¹ Professor do Departamento de Filosofia da UFPR e pesquisador do CNPq. E-mail: antonio.paschoal@yahoo.com.br. Revisão das traduções: Ernani Pinheiro Chaves. Professor do Departamento de Filosofia da UFPA e pesquisador do CNPq. E-mail: erna.nic@hotmail.com

² Paris: Gallimard, 1993. Nietzsche leu a primeira edição, de 1883, conforme atesta sua primeira referência a Bourget, num póstumo do Inverno 1883-1884 (KSA, 10, p. 646).

³ *Certamente*, pois os textos que compõem o livro foram publicados anteriormente, entre 1881 e 1883, como uma série de artigos na revista *Le Parlement*.

a alcunha de niilista, ressaltando seu desprezo para com a sociedade de seu tempo (p. 362). Conquanto diga respeito a Turguéniev, no entanto, deve-se registrar que no livro de Paul Bourget, Nietzsche se depara ao menos uma vez com o nome de Dostoiévski, que é mencionado no capítulo sobre Stendhal (p. 217). Um capítulo lido com grande interesse por Nietzsche.⁴

Diretamente, contudo, não existem menções a Dostoiévski nos escritos de Nietzsche até o final de 1886. Indícios de um possível contato são encontrados, por exemplo, nas passagens em que ele parece lançar mão de expressões peculiares ao pensador russo, como é o caso da conhecida passagem do prefácio de *Aurora* e também do aforismo 347 de *A gaia ciência*.⁵ De fato, a primeira menção direta ao escritor russo ocorre apenas em cartas do início de 1887, nas quais ganha evidência o súbito interesse de Nietzsche por ele e algumas pistas, em parte confusas, do seu contato anterior com o nome e a obra de Dostoiévski.

A primeira dessas cartas é datada de 12 de fevereiro de 1887 e endereçada a Franz Overbeck. Nela encontramos uma menção breve a Dostoiévski, num pós-escrito, onde se lê:

“Já escrevi a você sobre H. Taine? E que ele me parece “*infiniment suggestif*”? E sobre Dostoiévski?” (KSB 8, p. 21)⁶

Outra menção rápida é feita no dia seguinte, 13 de fevereiro, em uma carta endereçada a Heinrich Köselitz, na qual se lê:

“ – Você conhece Dostoiévski? Fora Stendhal, ninguém produziu em mim tanta alegria e surpresa: um psicólogo com o qual ‘eu me entendo’. –” (KSB 8, p. 24)

Pouco tempo depois, em 23 de fevereiro, Nietzsche escreve novamente a Franz Overbeck informando-o sobre o seu encontro com o livro *L'esprit souterrain*. Essa carta é particularmente importante para o debate sobre o momento preciso em que Nietzsche teve contato com Dostoiévski e também para avaliar a proporção do impacto do escritor russo sobre ele. No mais, é interessante observar a controvérsia que ela sugere, especialmente porque nela Nietzsche afirma que até poucas semanas não conhecia sequer o nome de Dostoiévski, o que não corresponderia à realidade, pois, além dos fatos que apontamos anteriormente, incluindo a

⁴ Conforme salienta Curt Paul JANZ (*Friedrich Nietzsche - Biographie*. 3 Vol. 2a edição, München/Wien: Carl Hanser Verlag, 1993, vol. 2, p. 505), a intensa relação de Nietzsche, em torno de 1882, com Lou Salomé, russa, de São Petersburgo, é outro fator que permite inferir que ao menos o nome do escritor russo já seria conhecido de Nietzsche nessa época.

⁵ CF.: PASCHOAL. Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”. In: *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 203. O conjunto de traduções que publicamos aqui amplia as investigações feitas anteriormente e publicadas no artigo de 2010.

⁶ Nietzsche refere-se a Hippolyte Taine (1828-1893), conhecido pensador francês e historiador com quem Nietzsche havia trocado correspondências entre 1886 e 1888. As cartas de H. Taine a Nietzsche estão hoje disponíveis em: https://fr.wikisource.org/wiki/Lettres_de_Hippolyte_Taine_à_Friedrich_Nietzsche

convivência com Lou Salomé, é sabido que ele conhecia o nome de Dostoiévski, pois, conforme lembra Curt Paul Janz,⁷ também na resenha de *Além de bem e mal* feita por J. V. Widmann, no final de 1886, e lida por Nietzsche, existe uma citação de Dostoiévski. Assim, mesmo com evidências de um contato anterior com o nome do escritor, o fato é que Nietzsche parece querer envolver em um certo mistério o seu primeiro encontro com a obra de Dostoiévski que mais o impressionou: *L'esprit souterrain*, conforme se observa pelo relato acerca do contato com ela, que teria ocorrido de um modo casual em uma livraria na cidade de Nice. Num registro que lembra a descrição de seu primeiro contato com *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer, e também com *O vermelho e o negro*.⁸ Segue a passagem da carta:

“De Dostoiévski eu não sabia até poucas semanas sequer o nome – eu, um homem sem instrução que não lê nenhum ‘jornal’! Um movimento casual em uma livraria colocou diante de meus olhos a obra recém traduzida para o francês *L'esprit souterrain* (de modo tão casual quanto me ocorreu aos 21 anos com Schopenhauer e aos 35 com Stendhal). O instinto de parentesco (ou como poderia chama-lo?) falou de imediato, minha alegria foi extraordinária: devo retroceder até o meu encontro com *O vermelho e o negro* de Stendhal para me recordar de tamanha alegria. (São duas novelas, a primeira, de fato, uma peça musical, uma música muito estranha, *nada* alemã; a segunda um golpe de gênio da psicologia, uma espécie de auto-escarnecimento do γνῶθι σεαυτόν. Dito de um modo breve: esses gregos têm muitas coisas na consciência – a falsificação foi a efetiva obra deles, toda a psicologia europeia adoce da superficialidade grega; e sem um pouco de judaísmo etc. etc. etc.” (KSB 8, p. 27-28)

Poucos dias depois, em 04 de março, Dostoiévski volta a ser mencionado em uma carta endereçada a Emily Fynn:

“ – Diga, por favor, à tua estimada amiga, que nesse inverno tenho refletido muito sobre as qualidades afetivas do povo russo, graças ao eminente psicólogo Dostoiévski, cuja agudeza de análise, mesmo na Paris moderna não encontra qualquer equivalente. Aprende-se a amar os russos por meio dele – aprende-se também a *teme*-los. É um povo que ainda não consumiu suas forças, como a maioria dos povos europeus, tanto as forças de sua vontade quanto a de seus corações. –” (KSB 8, p. 39)

Em carta a Heirich Köseliz, no dia 07 de março, Nietzsche volta a referir-se com ambivalência ao seu possível conhecimento do autor russo anterior a 1887. Segundo Müller-Lauter,⁹ essa carta confirmaria justamente a hipótese de um conhecimento anterior de

⁷ Menção feita na intervenção de Curt Paul Janz no debate (que conta também com Salaquarda, Kaufmann, Maurer, Müller-Lauter, Gründer e Ulmer) que se segue ao artigo de C. A. MILLER intitulado “Nietzsches ‘soteriopsychologie’ im Spiegel von dostoiievskijs Auseinandersetzung mit dem europäischen Nihilismus” (In: *Nietzsche-Studien*, n. 7, p. 130-157, 1978, p. 150).

⁸ É interessante observar que, no caso de Schopenhauer, a descrição do cenário na livraria também pode ter sido enriquecida pela fantasia de Nietzsche que, ao certo já conhecia a obra antes dessa data. (Cf. FIGL, Johann. *Nietzsche und die Religionen*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 2007, p. 185).

⁹ Conferir o texto da discussão que se segue ao artigo de C. A. MILLER intitulado “Nietzsches ‘soteriopsychologie’ im Spiegel von Dostoiievskijs auseinandersetzung mit dem europäischen Nihilismus” (1978, p. 150-151). Anos antes, C. A. MILLER já havia chamado a atenção para a ambigüidade da frase de Nietzsche e

Dostoiévski por Nietzsche, tendo em vista a sua afirmação de que seu desconhecimento do autor russo iria “até o nome” de Dostoiévski. A expressão “bis” (até), usada pelo filósofo, conferiria a ambivalência à afirmação, pois pode significar que desconhecia até mesmo o nome do escritor, ou que seu conhecimento iria até o nome, ou seja, limitava-se ao nome de Dostoiévski. Também nessa carta, além de informações sobre a vida e a obra de Dostoiévski, chama também a atenção a passagem em que Nietzsche faz alusão ao livro “*L’esprit souterrain*” como “duas novelas”, indicando que não teria passado despercebido para ele a edição lida reunia dois textos distintos (A senhoria e Memórias do subsolo) feita pela Librairie Plon no livro de Dostoiévski.¹⁰ Segue a passagem da carta:

“Com Dostoiévski, passou-se comigo o mesmo que se passou antes com Stendhal: o contato acidental, um livro que se encontra casualmente numa livraria, desconhecimento até o nome [*bis auf den Namen*] – e então, de repente, o instinto que diz ter encontrado ali um aparentado.

Até agora sabia muito pouco sobre sua posição, sua reputação, sua história: ele morreu em 1881. Em sua juventude teve diversas dificuldades: doença, pobreza, com descendência nobre; aos 27 anos foi condenado à morte, no cadafalso recebeu o induto, então, 4 anos na Sibéria, em correntes, entre criminosos perigosos. Esse período foi decisivo: ele descobre a força de sua intuição psicológica, mais ainda, isso fez seu coração se adocicar e aprofundar – seu livro de recordação desse período “*La maison des morts*” é um dos livros “mais humanos” que existe. O que conheci por primeiro, em uma recente tradução francesa, se chama *L’esprit souterrain*, contendo duas novelas: a primeira uma espécie de música desconhecida, a segunda um verdadeiro golpe de gênio da psicologia – uma cruel e terrível peça de zombaria do γῶθι σεαυτόν, porém, lançando mão de uma leve audácia e do encanto de uma força superior, de tal modo que fiquei embriagado de prazer. Nesse meio de tempo, por recomendação de Overbeck, a quem consultei em minha última carta, li também *Humiliés et offensés* (o único que Overbeck conhecia), com o maior respeito pelo artista Dostoiévski. Também me dei conta de como a geração mais recente de romancistas de Paris está tiranizada pela influência e pelo entusiasmo por Dostoiévski (p. ex. Paul Bourget).” (KSB 8, p. 41-42)

Poucos dias depois dessa, uma nova carta revela não apenas o entusiasmo de Nietzsche por Dostoiévski, mas também sua ocupação em divulgar entre seus conhecidos a obra do escritor russo e envolvido numa intensa troca de livros com eles. É o que verificamos no breve cartão postal enviado a Heinrich Köselitz, no dia 27 de março de 1887, e que traduzimos a seguir.

“Caro amigo, estou sofrendo dos olhos: me perdoe se te agradeço por tua carta e também pela recém-chegada tradução de Dostoiévski apenas com um bilhete. Muito me alegra que você provavelmente tenha lido dele, por primeiro, o mesmo que eu – “A senhoria” (a primeira parte na edição francesa de *L’esprit souterrain*). Envio-te, de minha parte, “*Humiliés et offensés*”: os franceses traduzem de um modo mais delicado que o abominável judeu Goldschmidt (com o seu ritmo de sinagoga) –

para os indícios de que Nietzsche teria “descoberto” Dostoiévski antes do período mencionado na carta a Overbeck. (1973, p. 205).

¹⁰ Cf.: PASCHOAL, 2010, op. cit. p. 208-209.

estranho!” (KSB 8, p. 50)¹¹

Dostoiévski aparece também de forma indireta na carta de 15 de abril de 1887, escrita como resposta a um comentário de Köselitz sobre o desaparecimento do livro *Noites brancas* (Winter-Dämmerung):

Caro amigo, o desaparecimento do romance russo me deixa triste por você; o Dr. Adams pode testemunhar que não faltou a precaução necessária com o empacotamento. Por fim, espero haver uma vantagem nesse contratempo: visto que você certamente tem se estabelecido com muito mais razão sob o sol de Ariosto do que eu desse peterburguense de *Noites brancas*” (KSB 8, p. 58-59).

Em maio, no dia 12, Nietzsche escreve a Malwida von Meysenbug relatando, indiretamente, o seu “entusiasmo” por Dostoiévski.

“Em Zürich visitei a admirável senhorita von Schirnhofen, que acabara de retornar de Paris, insegura quanto ao próprio futuro, propósito e perspectivas, porém, como eu, entusiasmada por Dostoiévski” (KSB 8, p. 71)

No dia seguinte, 13 de maio, em carta a Franz Overbeck, Nietzsche fala de seu interesse pelo “**problema** D<ostoiévski>” e recomenda ao amigo a leitura do livro “*L’esprit souterrain*”. É nessa carta que encontramos a afirmação de que o autor russo seria capaz de expressar o valor de um homem “com a mais elevada fineza e microscopia psicológica de uma forma como nunca foi feito anteriormente”. Segue o texto:

“Por último, te devolvo também o “*Bleibtreu*”, ao qual não gostaria de permanecer fiel nem por um instante sequer: eu não posso de modo algum conceber que suas pretensões estejam fundadas sobre qualidades reais: por mais que esteja acostumado, em se tratando de “pessoas jovens” a não me deixar assustar facilmente com a pretensão por si mesma. Como é possível para um homem que só tem sentidos e olhos para a “literatura”, escrever esse Bl<eibtreu> como um porco em meio ao mais vulgar esterco jornalístico, com a perfeita inadequação para qualquer nuance das palavras; sua ira não convence, seus gracejos não vão além do que se chama “tagarelice” – e mesmo seu fundo filosófico! Nenhuma estética! Byron e Skott na Alemanha *atual!* Em comparação com ele, a veneração por *Zola!* E que pobreza psicológica, p. ex., na recusa rápida, com a qual considera a última obra de Dostoiévski! (Precisamente porque a mais elevada microscopia psicológica e fineza de percepção não acrescenta nada ao valor de um homem, esse é precisamente o **problema** de D<ostoiévski>, o que mais interessa a ele: provavelmente porque tenha vivido as relações russas com muita frequência e demasiadamente próximo! (a propósito, eu recomendo nesse sentido a pequena obra de D<ostoiévski> recentemente traduzida para o francês “*L’esprit souterrain*”, cuja segunda parte ilustra de um modo quase assustador aquele paradoxo tão *real*). –” (KSB 8, p. 74-75).¹²

¹¹ Nietzsche se refere aqui a Wilhelm Goldschmidt, que traduziu um conjunto de novelas de Dostoiévski para a editora Reclam, de Leipzig, não datada (cf. Miller, op. cit., p.208, nota 38). Detestando o trabalho de Goldschmidt, em especial seu “estilo”, ele não mede esforços para criticá-lo, chamando-o de “abominável judeu” e criticando seu “ritmo de sinagoga”.

¹² Nietzsche refere-se nessa carta ao jovem Karl Bleibtreu, editor da revista *Magazin für die Litteratur des In- und Auslandes* e também crítico literário, que havia publicado no ano anterior o livro *Revolution der Litteratur*. Nietzsche brinca ironicamente com o significado do nome de Bleibtreu, que significa, literalmente, „permanecer

No dia 04 de julho de 1887, após um período em que ganha relevo nas suas cartas as notícias sobre seu péssimo estado de saúde, Nietzsche volta a falar de Dostoiévski, agora a Hippolyte Taine, ao comentar a obra de Paul Bourget:

“Também não gostaria de esquecer, que me alegrei ao encontrar vosso nome na dedicatória do último romance do Sr. Paul Bourget: embora eu não tenha gostado do livro – jamais seria possível ao Sr. B<ourget> tornar crível um buraco realmente fisiológico no peito de um concidadão (algo assim é para ele simplesmente *quelque chose arbitraire*, da qual ele espera, no futuro, manter afastado seu gosto delicado. Contudo, não parece que o espírito de Dostoiévski não deixa em paz o espírito desses romancistas parisienses?)” (KSB 8, p. 106)

Algum tempo depois desse período, já no ano de 1888, no dia 14 de outubro, em carta a Heinrich Köselitz, numa menção isolada, Nietzsche refere-se à presença de Dostoiévski no teatro francês e também ao que seria ao seu “principal romance” sem, contudo, mencionar o livro em questão:

Os franceses trouxeram para o palco o romance principal de Dostoiévski. (KSB 8, p. 451).

Mais adiante, no dia 20 do mesmo mês, em carta a Georg Brandes, ele volta a manifestar seu interesse pelos livros do romancista. No caso, um interesse peculiar, para seu “maior alívio”:

– Ah como você é empenhado! E eu um idiota, pois não entendo uma palavra sequer de dinamarquês! – acredito perfeitamente em você, de que precisamente “na Rússia” é possível “reviver”; procuro em algum lugar um livro russo, especialmente de Dostoiévski (com tradução francesa, pelo amor de Deus e não em alemão!!) para o meu maior alívio”. (KSB 8, p. 457)¹³

Em novembro de 1888, no dia 20, em carta a Georg Brandes, Nietzsche apresenta um dos motivos de sua gratidão para com Dostoiévski:

“Acredito plenamente em vossas palavras sobre Dostoiévski; contudo, por outro lado, o avalio como o material psicológico mais valioso que conheço – sou-lhe grato de um modo especial, pelo quanto ele sempre vai na direção contrária dos meus instintos mais baixos. Mais ou menos como minha relação com Pascal, a quem quase amo, porque me ensinou o tempo todo: o único cristão *lógico*...” (KSB VIII, p. 483).

A última ocorrência de Dostoiévski em uma correspondência de Nietzsche tem lugar numa carta do dia 27 de novembro de 1888, pouco tempo antes do colapso de Nietzsche, a

fiel“. Ver a respeito, Paolo Stelino, *Nietzsche und Dostoiévski: on the Verge of Nihilism*. Bern: Peter Lang, 2015, p. 99.

¹³ Nietzsche aproveita a oportunidade para, mais uma vez, criticar as traduções alemãs de Dostoiévski, quando comparadas às francesas.

August Strindberg. Nessa passagem, contudo, Dostoiévski é mencionado apenas indiretamente no contexto de uma crítica de Nietzsche ao estilo literário de Émile Zola.

“– Deploro completamente o prefácio, embora não gostaria que faltasse: ele está cheio de ingenuidades absolutamente impagáveis. O fato de Z<ola> não ser favorável “às abstrações”, me faz recordar de um tradutor alemão de um romance de Dostoiévski, que também não era favorável “às abstrações”: ele simplesmente eliminou “*des raccourcis d’analyse*” [“as análises abreviadas”] que o ‘incomodavam’...”¹⁴

Num balanço muito rápido dos fragmentos traduzidos, pode-se afirmar que as cartas escritas por Nietzsche nos dão uma dimensão ao certo parcial do que foi lido por ele de Dostoiévski e da impressão que o escritor russo causou nele. Sobre as obras lidas, com as referências diretas nas cartas temos apenas: *O espírito subterrâneo* (KSB VIII, p. 27), *Recordações da casa dos mortos* (KSB VIII, p. 41), *Humilhados e ofendidos* (KSB VIII, p. 50). Como é conhecido, porém, outros apontamentos do filósofo tornam evidente o seu profundo conhecimento ao menos de *Os demônios* e de *O idiota* e permitem inferir como provável sua leitura de *Crime e castigo* e como menos provável a de *Os irmãos Karamazov*.¹⁵ As cartas nos permitem inferir ainda que o período mais intenso do contato e leituras de Dostoiévski ocorreu a partir do início de 1887, com um forte entusiasmo no início que vai se amenizando com o passar do tempo. Caso consideremos, no entanto, o ganho conceitual das leituras de Dostoiévski, tendo em vista, por exemplo, os conceitos de “ressentimento” (GM I 10) e de “idiota” (AC 29-32), devemos admitir que o universo a ser considerado se expande, passando a incluir além de outros textos do filósofo, também outras fontes, pois, nesse caso, Dostoiévski torna-se apenas um fio numa intrincada trama. O que atesta o benefício da leitura desse material, mas também o seu limite.

¹⁴ Novamente Nietzsche se refere criticamente a Wilhelm Golschmidt.

¹⁵ CF.: PASCHOAL. Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”. In: *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 206.